

---

## SOBRE O DISCURSO RETÓRICO

---

**Nildo Viana\***

O discurso retórico é bastante utilizado na época atual, principalmente nos meios acadêmicos, mas também na Internet, meios de comunicação, conversas cotidianas. Trata-se de uma forma de discurso que não visa a verdade e sim a vitória a qualquer custo. Por isso, geralmente (mas não unicamente), não se fundamenta na honestidade intelectual, mas os ardis desonestos para ganhar um debate. A maioria dos casos de uso de discurso retórico, o que se busca não é libertação humana e sim a reprodução do poder. Muitos, no entanto, usam o discurso retórico por questões de crenças, narcisismo, etc. Essas motivações variadas do discurso retórico se concretizam no seu objetivo: vencer a qualquer custo.

Já nos defrontamos com muito discurso retórico em nossa experiência acadêmica, política e cotidiana. A estratégia que utilizamos, muitas vezes, foi a de desmontar a retórica e expor suas fraquezas intrínsecas, formais, às vezes, somar a isso a discussão sobre o tema em questão no sentido de mostrar seus limites. O presente texto visa alertar os leitores, debatedores, estudantes, professores e todos os interessados em questionar esse gênero de discurso por ter o compromisso com a verdade, que é algo bem mais nobre do que “vencer a qualquer custo”, em saber distinguir a retórica da exposição racional e fundamentada. Assim, é fundamental perceber que quem faz tal discurso não tem compromisso com a emancipação humana, mas apenas consigo mesmo, com seus interesses pessoais ou crenças, valores, sentimentos e concepções que tem como consequência a reprodução da sociedade existente. Por isso é importante mostrar os artifícios, motivações e objetivos do discurso retórico, bem como apresentar elementos para desmontar os usos desse gênero discursivo.

Mas antes de começar nossa jornada, precisamos definir o que entendemos por discurso retórico. Um discurso, é “uma manifestação concreta e delimitada da linguagem” (Viana, 2009) que pode ser assim definido: *“uma relação social na qual um autor*

---

\* Sociólogo, Filósofo; Professor da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás; Doutor em Sociologia pela UnB (Universidade de Brasília).

apresenta, sob forma falada ou escrita, um conjunto de enunciados que expressa uma mensagem complexa sobre algo e para algum destinatário” (Viana, 2024). O principal elemento que distingue o discurso retórico dos demais gêneros do discurso é o seu objetivo, vencer o debate. Isso significa que um discurso retórico emerge em situações de debate (conversas cotidianas, embates políticos, posicionamentos sobre livros ou ideias em geral, etc.) e com o objetivo de derrotar o adversário. O discurso retórico se organiza em torno desse objetivo, sendo que para atingi-lo utiliza qualquer meio necessário, especialmente os ilícitos.

### **Características e Artifícios do Discurso Retórico**

O discurso retórico se organiza em torno do seu objetivo geral<sup>1</sup>: querer vencer o debate a qualquer custo<sup>2</sup>, inclusive, em muitos casos, utilizando meios ilícitos. Também apresenta a característica de possuir uma *coerência interna* marcada por *contradições e incoerências*, devido justamente ao seu objetivo<sup>3</sup>. Sendo assim, o discurso retórico mantém sua coerência e estrutura unissêmica mesmo quando mostra certa incoerência discursiva, pois esses elementos podem ser modificados quando é conveniente para vencer o debate. As demais características do discurso retórico podem ser encontradas na forma como busca realizar o seu objetivo de vencer o debate a qualquer custo. Essa forma é composta por um conjunto de artifícios que visam confundir, ludibriar, desqualificar, o adversário/destinatário do discurso.

Um artifício é algo artificial e, simultaneamente, uma artimanha, um truque. É artificial por não ser um desenvolvimento lógico e coerente e sim artifícios produzidos pelo autor do discurso retórico visando atingir seus objetivos. Muitas vezes isso é feito sob forma consciente e intencional, mas nem sempre, pois existem casos nos quais os artifícios brotam automaticamente como um procedimento de defesa, o que ocorre com aqueles que, no fundo, só querem garantir a ideia de veracidade de sua crença ou sua

---

<sup>1</sup> O objetivo específico de um discurso retórico remete às suas manifestações concretas, ou seja, a um determinado discurso.

<sup>2</sup> Sem dúvida, todos os indivíduos acreditam em suas ideias e as consideram verdadeiras e, por isso, podem ser insistentes e às vezes apelar para formas problemáticas de defesa delas. Porém, o discurso retórico é uma forma mais desenvolvida e problemática dessa vontade de ter razão, pois ele, devido aos interesses ou características do seu autor, faz isso de forma ampla e consciente (pelo menos em alguns de seus aspectos).

<sup>3</sup> Um discurso é composto por sua estrutura e conjuntura, sendo que a primeira é composta pelos signos, enunciados, proposições e argumentos fundamentais, formando um núcleo posicional geralmente coerente, articulado e estável (Viana, 2024). É preciso destacar que a unissemia e coerência é relativa ao seu núcleo posicional e não à sua totalidade, pois o discurso retórico cai, muitas vezes, em contradição e incoerências, visando conseguir convencer os leitores.

credibilidade. No caso daqueles que usam esses artifícios para garantir sua autoridade, manter relações de poder e outros interesses escusos.

Os artifícios que emergem no discurso retórico também são uma artimanha, uma armadilha discursiva. Schopenhauer (1997) chamou tais artifícios de “estratagemas”, palavra de origem militar que significa artil (armadilha, emboscada, artifício, logro) empregado contra os inimigos. Nesse caso, há uma intencionalidade é inevitável, pois o autor do discurso usa sob forma intencional e planejada os artifícios, visando colocar o adversário/destinatário numa posição desconfortável, seja através da ridicularização, seja através da incapacidade de reação. Num debate para eleição presidencial no Brasil, um candidato usou uma sigla que ele sabia que seria desconhecida pelo seu adversário para poder, após sua resposta equivocada, mostrar o seu verdadeiro significado e demonstrar a ignorância dele, ridicularizando-o. Esse artifício foi uma armadilha, pois o adversário ou admitia sua ignorância, dizendo que não sabia o significado daquela sigla, ou fazia de conta que sabia sob alguma forma e, assim, tentar se desvencilhar da pecha de ignorante. O candidato optou pela segunda saída e o autor do artifício pôde facilmente mostrar sua ignorância, pois tratou de algo bem diferente do que expressava o significado da sigla.

Apontaremos agora os principais artifícios do discurso retórico. Analisaremos, inicialmente e de forma mais aprofundada, os quatro principais artifícios utilizados pelos retóricos, e, posteriormente, alguns outros menos utilizados, de forma mais sucinta. Os artifícios fundamentais são os seguintes: A) *Rotulação* B) *Argumento de autoridade*; C) *Substituição*; D) *Simplificação*; E) *Depreciação*; F) *Repetição*.

### *A Rotulação*

O artifício mais utilizado e comum é a *rotulação*. A rotulação pode ser utilizada sob várias formas. Ela poder usada como “etiqueta classificatória”, tal como coloca Bourdieu (1996)<sup>4</sup>, ou sob formas mais simples, como a adjetivação (o uso de adjetivos pejorativos). O rótulo substitui o conteúdo. Adjetivos pejorativos abolem argumentos. Assim, o artifício da adjetivação ou rotulação tem uma eficácia prática ao tornar o criticado igual ao adjetivo ou rótulo enunciado pelo suposto crítico. O artifício é praticado sob duas formas. A primeira é a do adjetivo pejorativo. O pseudocrítico, pois quem utiliza do discurso retórico não pode ser considerado um crítico no verdadeiro sentido da palavra,

---

<sup>4</sup> Bourdieu afirma, analisando um discurso de Etienne Balibar, que a imposição de etiquetas classificatórias (“burguês”, “idealista”) é uma estigmatização aberta, que, “sob a aparência de subsumir conceitos e classes lógicas” apenas encaixam uma coletividade (“classe globalmente condenada”) no conjunto dos inimigos políticos ou “teóricos” (1996, p. 168).

usa um adjetivo pejorativo para destruir os argumentos dos adversários. Se um autor escreve um texto e o pseudocrítico diz que tal texto é “panfletário” ou “positivista”, ou, ainda, “infantil”, usa o artifício da adjetivação. O leitor tende a sentir o impacto da força do adjetivo pejorativo, apesar do pseudocrítico geralmente não utilizar nenhum argumento ou informação que fundamente a afirmativa. É isso que distingue o artifício da adjetivação e da rotulação do processo de conceituação. O crítico, ou seja, aquele que critica de forma autêntica e por isso não lança mão de discurso retórico, pode usar adjetivos e termos parecidos com rótulos, mas a forma e significado é diferente. Por exemplo, é possível afirmar que o autor do texto X é positivista, ideológico, populista, etc., porém, nesse caso, além da palavra vem a explicitação do seu significado (não se apela para sua pura negatividade) e onde ele se encontra no texto criticado e como e por qual motivo ele é problemático. Assim, se o pseudocrítico simplesmente diz: “este texto é liberal”, para leitores progressistas, então é mera retórica, um uso do artifício da rotulação. Agora, se um crítico afirma que um certo texto é positivista e explicita o que significa tal termo, bem como mostra onde ele se encontra no texto e quais suas fragilidades, então é um processo de conceituação e não adjetivação/rotulação. xxx

Esse artifício é muito utilizado em disputas políticas, tal como se pode ver nos livros de Lênin (1989) e Mao Tsé-tung (1979), entre outros. Lênin, por exemplo, abusava do uso de adjetivos pejorativos, e em seu livro *O Esquerdismo, A Doença Infantil do Comunismo*, como já se nota pelo seu título, acusa os adversários de serem doentes, infantis, imbecis, entre outros termos usados amplamente. Outros termos, que este também utilizava com muita facilidade, é “oportunismo”, etc. Lênin utiliza a rotulação sobre duas formas principais: o insulto, tal como se vê nas expressões “infantil”, “imbecil”, etc., e a depreciação para determinados destinatários, tal como se vê em expressões como “pequeno-burguês”, “esquerdista” ou “revisionista”, termos malvistas por quem pertencia, na época, ao socialismo radical ou bolchevismo e semelhantes.

Assim, a rotulação pode ir da invectivação (insulto, injúria) e da adjetivação pejorativo, que busca uma sanção reputacional (atingir a reputação alheia, tornando-a negativa através desses procedimentos) até a classificação negativa, que pode ser apenas uma forma mais refinada das anteriores (denominar autor criticado como “positivista”, “anarquista”, “cientificista”, “irracionalista”) que tem aparência de suposto saber, mas que, no fundo, mantém a mesma intenção se não houver definições e fundamentação.

### *O Argumento de Autoridade*

O argumento de autoridade é um dos artifícios retóricos mais utilizados. A autoridade pode ser o próprio retórico ou outros indivíduos ou autores que ele cita como sendo inquestionáveis ou com grande saber sobre o assunto. O argumento de autoridade funciona da seguinte forma: a afirmação X é verdadeira por ter sido feita por indivíduo Y, que é grande conhecedor do assunto, é uma autoridade, ou por outro suposto mérito dele (sacrifício, honestidade, etc.). Assim, se autor X morreu lutando pela liberdade ou pelo socialismo, então está acima da crítica, mesmo deixando de lado qual era sua concepção de “liberdade” e “socialismo” e qual foram as realizações concretas vinculadas e justificadas por ela. Outros querem defender determinadas ideias e apelam para autor A, B ou C, como sendo algo suficiente. O raciocínio é mais ou menos o seguinte: o autor A é excepcional, ele é muito bom, e ele defende esta ideia que eu estou expondo, logo, esta ideia é verdadeira e profunda. É o ponto final na discussão. Quanto mais famoso, reconhecido e respeitado é o referido autor, mais eficácia retórica terá junto aos leitores.

Esse é um caso no qual, em um debate, um dos debatedores, não tendo argumento algum a oferecer, diz: “Gramsci diz que a hegemonia é fundamental e não a economia”. Isso é parecido com o “efeito da grife”, tal como Bourdieu (1996) anotou no caso da arte, e, nesse caso, poderíamos denominar “efeito de autoridade”. Porém, muitas vezes o próprio pseudocrítico se qualifica como autoridade. Esse é o caso do pseudocrítico que, ao não ter argumento contra o seu adversário, afirma coisas do tipo: “eu pesquiso esse tema a 10 anos”; “eu sou doutor nessa área pela Universidade de Cadafalso do Norte”. Logo, o adversário ou os demais devem acreditar e aceitar sua posição por ele ser uma suposta autoridade no assunto e apesar de não ter argumentos e informações suficientes para convencê-los racionalmente. No fundo, ao fazer isto, mostra sua competência formal (títulos, currículo, etc.) ou suposta (experiência, autoelogio, etc.) e sua incompetência argumentativa.

### *A Substituição*

A substituição pode assumir várias formas. A forma mais comum é o artifício do “mudar de assunto”, mas também pode assumir a forma da substituição de termos, problemáticas, contexto, autores, etc. O artifício da substituição é utilizado pelo retórico em várias situações, sendo que uma das mais comuns é quando ele está derrotado ou sem nenhuma possibilidade de resposta, pois assim pode desviar o assunto para disfarçar sua

derrota e ter alguma possibilidade de reação. Isso pode ser exemplificado com um debate entre um professor e um aluno em sala de aula:

Professor: “só existem classes sociais no capitalismo”.

Aluno: “em qual concepção? Afinal, para o marxismo existem classes em outras sociedades além da capitalista”.

Professor: “estou dizendo para a concepção marxista, para Marx só existe classes no capitalismo”.

Aluno: “onde ele escreveu isso?”

Professor: “bom, em lugar nenhum, mas é sua concepção de classes”.

Aluno: “oras, o que na sua concepção de classes aponta para isso?”

Professor: “só existe classe havendo exploração”.

Aluno: “E por acaso o escravo no escravismo e o servo no feudalismo não eram explorados?”.

Professor: “quis dizer que só existem classes onde existe mais-valia”.

Aluno: “onde Marx afirmou isso?”

Professor: “bom, o tempo da aula está acabando e por isso eu vou voltar ao assunto original e depois, no final, te respondo”.

Aqui o artifício da substituição é justificado pelo tempo, mas como não voltou ao assunto (pois esse foi um acontecimento real numa sala de aula em pós-graduação), apenas deixou claro que não tinha resposta e não queria/podia admitir isso. Um outro exemplo mostra novamente a questão da substituição retórica:

Aluno A: “professor, quem são os deterministas e os possibilistas?”

Professor: “Os possibilistas são os otimistas e estes são sempre os do governo, que sempre estão otimistas e a oposição é sempre pessimista”.

Aluno B: “Bom, eu li sobre isso, em livro de Geografia, no qual há um debate sobre possibilistas e deterministas, e os primeiros são considerados otimistas por postularem a existência de possibilidades. No livro é citado o economista socialista Paul Singer, que pensa que é possível mudar e superar a fome sem controle de natalidade e os demais, os deterministas, não acreditam nisso, sendo pessimistas”.

Professor: “Não existe socialismo!”

Aluno B: “Também não existe democracia!”

Professor: “Não vamos ficar aqui debatendo questões políticas como democracia e socialismo” ...

Aqui o artifício da substituição foi utilizado para não admitir o próprio equívoco e desviar para outro assunto (a inexistência do socialismo), e o aluno acabou caindo nesse artifício (desvio de assunto) e faz nova contestação, a sobre existência da democracia (que era o discurso mais constante do professor em questão), e novamente ele muda de assunto,

ou melhor, encerra-o. Porém, essas são as formas mais simples, existem outras bem mais complexas e são relativamente comuns. Este é o caso de um debatedor que usa o artifício da depreciação afirmando que o que o outro debatedor escreveu sobre o assunto em debate (a obra de Darwin) não tem importância e de nada vale. O primeiro debatedor, ao ser questionado por um terceiro debatedor que perguntou por várias vezes o que ele tinha lido de Darwin, e não obteve resposta do retórico, que sempre ia para outros assuntos e repetia afirmações já feitas (outro artifício que será tratado adiante), até que este mesmo questionador repete a pergunta várias vezes, conseguindo, finalmente, que o primeiro debatedor admita nunca ter lido Darwin. Aqui se trata de um debatedor honesto acometido por uma crença científicista que não conseguia superar e por isso, num certo momento, assumiu ser um não leitor do famoso biólogo.

Há também casos em que o retórico passa de uma discussão sobre a greve num determinado país para uma situação bem diferente em outra época e local para tentar convencer que sua posição é adequada, abstraindo a diferença dos contextos. A substituição retórica também pode ser feita sistematicamente ou apenas no início do debate, visando derrotar o adversário saindo do tema dele e indo para outro no qual o argumento original já não é mais sustentável.

### *A Simplificação*

A simplificação é outro artifício muito utilizado e pode assumir várias formas, indo desde o uso de trechos descontextualizados até atribuição de ideias retiradas de outros autores que supostamente teriam concordância com quem foi criticado. O artifício de simplificação consiste em simplificar o discurso alheio para assim derrotá-lo com facilidade. Por exemplo, se alguém quer discordar da teoria do Estado de Marx, basta dizer que ela se fundamenta no determinismo econômico e assim passa a fazer considerações sobre a limitação de tal determinismo (o que é também uma substituição retórica). É claro que tal determinismo em Marx é uma pressuposição falsa, outro artifício do discurso retórico, mas uma vez servindo como ponto de partida e se o outro debatedor não o desfaz, ele acaba sendo convincente. A redução é uma espécie de simplificação que reduz uma discussão complexa a algum dos seus elementos. Se um debatedor utiliza diversos argumentos para mostrar que a pena de morte é algo questionável, o retórico pode reduzir seu discurso a uma defesa dos criminosos. Um pseudocrítico retórico pode, para questionar uma afirmação de um debatedor marxista, dizer que ele está equivocado por não ser o “desenvolvimento das forças produtivas” que explica o fenômeno, sendo

que o autor do discurso jamais fez tal referência e nem concorda com tal explicação, mas a simplificação aí funciona pelo uso da redução do marxismo a uma concepção determinista e a identificação do criticado com essa versão empobrecida e simplificada dele.

### *A Depreciação*

O artifício da depreciação visa vencer o debate desqualificando e desacreditando o autor do discurso ou o próprio discurso. Ele geralmente é um elemento complementar do artifício da rotulação e muitas vezes acompanha a sanção reputacional. Ele pode ser usado para desautorizar o debatedor, tal como dizer que é “apenas um estudante secundarista” ou que não é “especialista em psicologia” (ou qualquer outro saber especializado). As duas formas mais comuns do uso deste artifício são as afirmações não-fundamentadas de que o autor do discurso “não leu” ou “não entendeu” determinado pensador ou obra. Sem dúvida, existem casos de autores que abordam outros sem leitura, mas o crítico pode demonstrar isso, tal como críticos de Lamarck que apenas reproduzem a crítica de Darwin e a bibliografia deles comprova a não-leitura, já que não há obras desse autor nas referências. Porém, os retóricos usam esse artifício com muita facilidade, inclusive a respeito de textos com abundantes citações e transcrições de trechos dos autores criticados, o que significa que não tem nenhum sentido ou fundamentação tal afirmação.

Outra forma é fazer suposições (sem nenhuma fundamentação ou baseado em apenas impressões e informações superficiais que geram generalizações abusivas) sobre a vida, a moral, a integridade ou a capacidade do debatedor. No caso de Marx, por exemplo, muitos dos seus críticos retóricos buscam desqualificar a obra dele falando de sua vida pessoal, de seu “autoritarismo”, “insensibilidade”, “racismo”, etc. (Ramx, 2023). Outros usam formas de depreciação junto a determinados públicos, por exemplo, no interior de uma disputa política em meios políticos acusar o debatedor de ser “acadêmico” ou “academicista”, ou, no caso inverso, em meios acadêmicos, acusar o debatedor de ser “militante”, “político” ou “panfletário”. Outra forma é acusar no outro debatedor a existência de motivações consideradas pouco “nobres”, como ganhar dinheiro, vaidade, busca de sucesso ou fama, etc. Sem dúvida, as motivações são elementos que podem compor a análise crítica do discurso alheio, mas no artifício da depreciação isto é feito sem nenhum critério ético e fundamentação, sendo mera suposição, na maioria dos casos de forma mau intencionada (e algumas vezes é mera projeção, no sentido psicanalítico do



termo), cujo objetivo é vencer o debate. Em casos de generalização devido a posição social ou derivada da prática, é uma afirmação indicial, mas no caso da depreciação retórica o que ocorre é afirmação destituída de fundamentação e mesmo tais indícios estão ausentes.

### *A Repetição*

O artifício da repetição é caracterizado por repetir a mesma coisa sempre. O retórico faz uma afirmação, o debatedor questiona (na forma de pergunta ou de refutação) e ele reafirma o que já tinha afirmado, sem responder perguntas ou a refutação e isso pode continuar *ad infinitum*. Esse artifício busca convencer pela repetição e por evitar o aprofundamento do debate, é uma forma de antidebate (assim como tem o antijogo, no futebol). Ao afirmar, por exemplo, que Marx é estatista e o adversário pergunta de onde tirou isso, ele volta reafirmando sem dizer sua fonte ou explicar seu embasamento e, ao ser questionado novamente, repete o que já havia dito. Caso o outro debatedor resolva aprofundar e além da pergunta resolver mostrar elementos na obra de Marx que contradiz tal afirmação, o retórico continuará repetindo sua afirmação como se não tivesse sido refutado e sem comentar os argumentos alheios. Isso, muitas vezes, provoca a irritação no adversário (aliás, todos os artifícios retóricos tendem a provocar irritação), e ele pode, assim, também apelar para formas retóricas por reação (ou seja, utilizar adjetivos pejorativos, tal como chamar o retórico de ignorante, enrolador, etc., o que, no fundo, não é, em muitos casos, falso, mas acaba cedendo ao artifício da substituição na discussão, além de ser involuntário, sendo reativo). O discurso retórico tende a abolir a racionalidade de qualquer debate, e, caso o não-retórico se descuide, pode degenerar em troca de ofensas e acusações ao invés de uma discussão sobre o que está em questão. Sem dúvida, muitas vezes o iniciador da discussão que usa a retórica não quer realmente debater, quer apenas atacar a pessoa e/ou suas ideias para retirar o efeito do seu discurso, o que é a posição de muitos retóricos medíocres e por isso já iniciam de tal forma que o debate já está morto antes de começar, pois a intenção é atacar e irritar ao invés de realmente discutir.

Existem vários artifícios complementares<sup>5</sup>, porém, vamos nos limitar a estes, que são os principais. Em outra oportunidade desenvolveremos um texto de forma mais

---

<sup>5</sup> Schopenhauer (1997) apresenta 38 artifícios (“estratagemas”) retóricos em sua obra *Como Vencer um Debate sem Precisar Ter Razão* e o leitor pode consultá-lo. Embora discordemos de alguns aspectos, o texto ajuda a entender o significado da retórica, mesmo usando outros termos.

aprofundada estes elementos e apresentaremos os artifícios complementares, mas no presente texto encerramos por aqui.

### **Motivações e Objetivo do Discurso Retórico**

Quais são as fontes e interesses por detrás do discurso retórico? Na verdade, é na luta política e nos debates acadêmicos orais ou superficiais (e-mails, sala de aula, mesa redonda, artigos de jornal, redes sociais, ou seja, geralmente falas ou textos curtos), ou mesmo conversa pessoal ou debate oral, que se manifesta com mais frequência o discurso retórico<sup>6</sup>. O seu objetivo varia, assim como varia quem usa o discurso retórico. O objetivo geral do discurso retórico é ganhar o debate a qualquer custo, mas cada manifestação específica desse gênero discursivo tem um objetivo específico. Alguns querem vencer o debate para provar sua suposta inteligência, outros para conseguir votos para seu candidato, entre milhares de outros casos possíveis.

Muitas pessoas honestas usam o discurso retórico sem perceber, motivados por necessidade de defender suas concepções e posições arraigadas e com forte envolvimento valorativo e sentimental, embora, nesse caso, o que tende a ocorrer é o uso de artifícios retóricos e não um discurso retórico em si<sup>7</sup>. É por isso que geralmente se afirma que não se deve discutir política, futebol e religião, devido a esse forte vínculo sentimental e valorativo presente nas posições e concepções nestas questões (Viana, 2011). No entanto, o uso do discurso retórico nestes casos é mais moderado e mesclado com argumentos/informações e tentativas de estabelecer um diálogo racional e por isso pode

---

<sup>6</sup> Isso não exclui a possibilidade do discurso retórico se manifestar sob forma mais extensa. Efetivamente, existem livros volumosos que expressam um discurso retórico.

<sup>7</sup> Um discurso retórico é uma totalidade e o uso ocasional de artifícios do discurso retórico significa, de forma isolada, usar um ou outro elemento que está contido nele. Por exemplo, um debatedor que está sendo vítima de sanção reputacional pode, por irritação, usar um insulto contra o adversário. Esse elemento isolado não torna o seu discurso uma manifestação do gênero retórico. E é nesse contexto de debate com alguém que lança mão da retórica que, por envolvimento e por irritação, o não-retórico acaba usando também artifícios retóricos. Outra motivação é usar um artifício retórico como um antídoto, ou seja, um recurso antirretórico. Esse caso pode ser exemplificado por um debate entre dois professores, no qual um usava discurso retórico e um dos artifícios que usou foi o da sanção reputacional através da derrisão (que significa usar o humor para conseguir desqualificar o adversário através do efeito cômico) ao denominar o destinatário como “Mister M”. Com esse termo, buscava desqualificar o discurso oposto através do efeito cômico. O debate se prolongou e o debatedor retórico havia sido derrotado racionalmente, mas ainda usava o artifício da autoproclamar-se vitorioso, e, na última intervenção, o debatedor não-retórico denominou o adversário como “Palhaço Tiririca”. Desta forma, o debatedor conseguiu desfazer o efeito cômico e suas consequências posteriores (qualquer referência ao debate ou ao debatedor lembraria a derrisão caricatural e o nome “Mister M”) usando o mesmo recurso, com um efeito cômico ainda mais forte, anulando suas consequências posteriores (pois toda referência ao “Mister M” viria junto com a lembrança do “Palhaço Tiririca”). Nesse caso, a vitória racional, suficiente para alguns, foi acompanhada pela vitória anedótica, cuja inexistência poderia anular a primeira. Esse uso de um artifício retórico foi antirretórico.

levar a superação da retórica quando os argumentos do adversário conseguem ampliar a consciência do debatedor que apela para a retórica. Porém, isto dificilmente ocorre, justamente por causa do envolvimento sentimental e valorativo e quanto mais forte é este envolvimento, menor são as possibilidades de ampliação e aprofundamento do debate.

Porém, o uso mais constante e intensivo (por vezes violento, sendo que algumas pessoas usam da violência para silenciar os adversários, principalmente quando estão presentes pessoalmente, o que se manifesta nos gestos, tom da voz, etc.) pode ter como fonte um forte envolvimento sentimental e valorativo, mas, também, uma fonte menos nobre que são determinados interesses. Na sociedade capitalista, caracterizada por uma sociabilidade extremamente competitiva, os valores e sentimentos dos indivíduos acabam sendo fortemente comandados pela competição. Os sentimentos de inveja e ciúme são fortalecidos e reforçados de forma que se tornam arraigados no universo psíquico dos indivíduos. A inveja e o ciúme, por sua vez, estão ligados aos valores dos indivíduos, pois se pode invejar a riqueza, a beleza, as posses, a criatividade, o sucesso, a fama, a produção intelectual, determinadas habilidades, as amizades, etc., que os outros possuem e isso pode gerar animosidade insciente ou relativamente consciente. Se alguém escreve um artigo criticando a posição política de um determinado autor famoso e ganha um certo reconhecimento por parte de algumas pessoas, um invejoso pode muito bem sair em defesa do tal autor famoso, dizendo que, sendo um pensador reconhecido, então não pode ser criticado (artifício do argumento de autoridade), já que o crítico, não tão famoso, não teria capacidade para tal (artifício de depreciação), e para isso pode citar os livros publicados pelo autor defendido. O caráter retórico da crítica é perceptível, principalmente quando se nota que o conteúdo da crítica não foi discutido (artifício da substituição) e apenas um aspecto periférico e sem importância, tal como uma palavra, se torna o centro do ataque (artifício da simplificação). E, por fim, no decorrer do debate, o retórico coloca sob suspeita as motivações do autor do texto, que era uma crítica por questão de posição política, e insinua que se tratava de interesses acadêmicos, o que significa usar o artifício da depreciação e da substituição.

Porém, outras motivações além de determinados sentimentos e valores podem existir. É o caso de um aluno que quer competir com outros alunos para poder conseguir vantagens na vida acadêmica e quer atacar os concorrentes ou agradar aos professores e assim cair na graça destes. Ao faltar competência real, usa-se o discurso retórico. Também é possível que um autor famoso criticado seja defendido de forma sentimental e valorativa por ser a base ideológica do pensamento e produção intelectual do defensor, o que

significa que, sendo correta a crítica, ele é atingido indiretamente. É por isso que muitos autores, temas, etc. são reverenciados por pessoas na academia e é isto que gera a idolatria por determinados pensadores.

Estas motivações, no entanto, são apenas algumas possíveis, pois existem diversas outras. Um elemento em comum perpassa todas elas: o autor do discurso retórico possui dificuldade em realizar um debate consistente sobre o assunto em questão, e isso vale até mesmo para especialistas de um determinado assunto, no qual trabalha a diversos anos e é sua base em suas pesquisas. Os artifícios discursivos são substitutos de argumentos, informações, fundamentação. Logo, o autor do discurso retórico precisa apenas dominar esses artifícios e ter uma certa habilidade no seu uso concreto. E, para os incautos, pode passar a impressão de ser pessoa culta e inteligente.

O discurso retórico pode ser usado a respeito de qualquer assunto. Por isso o discurso retórico é uma pseudocrítica e um antidebate. O discurso retórico não visa aprofundar nenhum saber ou debate, não visa contribuir com a expansão da consciência sobre determinado assunto, não visa reconhecer as posições existentes e se posicionar permitindo os demais posicionamentos para que no seu confronto haja algum ganho intelectual. Por isso, ele é um discurso falso e mistificador, que provoca o emperramento da consciência e serve, no fundo, aos objetivos de reprodução das ideologias, das mistificações, das ilusões, em poucas palavras, do poder e dos interesses dominantes, que coincidem, na maioria das vezes, com os interesses individuais da maioria que usa o discurso retórico. Assim, podem existir várias motivações para o discurso retórico, mas seu objetivo discursivo é vencer o debate a qualquer custo. Esse é o seu objetivo geral. Existem objetivos específicos que remetem às motivações e objetivos do autor do discurso retórico. Se alguém escreve um livro que usa discurso retórico sobre Marx, o seu objetivo específico é criticar esse pensador e a retórica é utilizada por não ter capacidade de realizar uma crítica efetiva e desejar, a todo custo, derrotar o marxismo. Nesse caso, a pseudocrítica através do discurso retórico é o que o autor consegue fazer.

O autor do discurso retórico (aqui entendendo um discurso em sua totalidade, e não um uso de apenas um de seus artifícios em determinados contextos discursivos) geralmente não possui a competência discursiva e saber necessário para vencer o adversário e por isso necessita usar a retórica para conseguir a vitória. Ao lado das motivações e objetivos do discurso retórico, há um reconhecimento inintencional de incompetência por parte do autor desse gênero discursivo.

O efeito do discurso retórico, quando ele é vitorioso, é a persuasão, o que serve, devido suas motivações e objetivo, o que promove um resultado positivo para o seu autor. O objetivo do retórico em apelar para esse gênero discursivo pode ser adquirir fama intelectual, criticar um desafeto ou uma posição política, defender seus interesses pessoais específicos, entre diversos outros possíveis. Nesse contexto, é possível perceber que o uso do discurso retórico está vinculado a determinados interesses (pessoais e coletivos) que o colocam em confronto com a busca da verdade. Logo, o discurso retórico é um subproduto da sociedade capitalista, fundada na competição e não serve para quem busca a libertação humana.

### **Para Desmontar o Discurso Retórico**

Como derrotar o discurso retórico? Isto, no plano meramente racional, é relativamente fácil. Devido sua fragilidade intrínseca, o discurso retórico é facilmente derrotado. É suficiente para derrotá-lo realizar uma explicitação do seu caráter retórico e destrinchar o seu conteúdo (quando houver), mostrando suas incoerências, falta de fundamentação, desconhecimento dos acontecimentos, precariedade argumentativa.

Porém, o discurso retórico é perigoso, pois pode facilmente ser desmontado pelo não-retórico desde que esse tenha habilidade e fundamentação e entenda esse gênero discursivo. Num debate concreto, se o não-retórico consegue efetivar o desmonte de tal discurso e fica claro para ambos a sua derrota (ou pelo menos para o não-retórico, pois o outro, devido sua idiossincrasia ou crenças arraigadas pode não admitir sua derrota e usa a razoabilização, para utilizar termo psicanalítico, ou pode retoricamente autodeclarar sua vitória), mas, ele pode exercer uma eficácia persuasiva sobre os que estão fora do debate (se é numa sala de aula, num auditório, numa reunião ou assembléia, numa lista de discussão na internet, etc.). Assim, dependendo de quem está ouvindo ou lendo o debate, pode ficar claro a fragilidade do discurso retórico, mas também pode não ficar claro para muitos e a eficácia persuasiva de um adjetivo pejorativo, pode, para muitos incautos, ser muito forte e convincente.

O discurso retórico falado é mais difícil de ser combatido do que o escrito. Um debate oral é mais rápido e o desmonte do discurso retórico requer velocidade de pensamento, possibilidade de fala, etc. No caso de um debate escrito é mais fácil desmontar o discurso retórico, pois é possível usar citações do retórico mostrando suas

contradições e artifícios discursivos, já que é possível uma reflexão mais profunda e análise mais detalhada e profunda.

Em debates acadêmicos (falados), existem situações em que um debatedor “ganha” o debate com uma piada que desconcerta o adversário e promove a gargalhada do público. Alguns destes retóricos acabam ganhando notoriedade e popularidade, embora não acrescentem muito para o desenvolvimento da consciência e nem demonstre um saber aprofundado sobre o que estão debatendo. Desta forma, para desmontar o discurso retórico é necessária racionalidade (pois, como colocamos anterior, esse gênero discursivo tende a gerar irritação, o que tende a promover um fortalecimento da emoção em detrimento da razão), argumentação, informação e fundamentação.

Para que tal desmonte seja perceptível para muitas pessoas não atentas ao que é um discurso retórico (sem falar nos partidários de quem faz o discurso retórico, que por interesses, valores e/ou sentimentos tendem a reforçá-lo), outros elementos são necessários. Nesse caso, a ironia, o trocadilho e outros recursos podem ser utilizados de tal forma que acabe desmontando o discurso retórico também em sua eficácia persuasiva. Em certos casos, é necessário usar um recurso retórico para anular outro recurso retórico. É o caso, por exemplo, quando em um debate um dos debatedores quer usar o artifício da depreciação, atribui ao seu adversário um nome de um personagem que poderia virar rótulo para ele, tornando-o motivo de troça permanente (veja o exemplo na nota 7). Nesse caso, mesmo perdendo racionalmente o debate, acaba saindo-se relativamente bem, pois o elemento fundamental que será recordado pela maioria será a troça, devido sua excepcionalidade e facilidade de recordação, bem como isso tem uma eficácia persuasiva.

Para desmontar este efeito, a única forma é usar o mesmo recurso retórico e de forma ainda mais intensa, o que é possível, por ser uma reação, uma resposta que tem determinada troça como ponto de partida e que ganha legitimidade por ser uma autodefesa cujo objetivo é desmontar um recurso retórico e não fazer um discurso retórico em sua totalidade. Isso é possível, por exemplo, fazendo troça similar e mais forte, atribuindo ao retórico um nome de personagem muito mais depreciativo e que, portanto, se for lembrado o primeiro, o segundo também será, e isso se torna desfavorável ao retórico, que, inclusive, tentará esquecer o uso do nome do personagem, já que estará indissolúvelmente ligado ao “seu personagem” (tal como no caso citado na nota 7).

Nesse sentido, cada artifício pode ser combatido através de sua crítica, que pode assumir formas distintas. Vamos colocar os principais artifícios e exemplos de como combatê-los. Começamos com a rotulação. A forma inicial é denunciar que se trata de

rotulação (em sua forma específica, tal como, por exemplo, o uso de adjetivo pejorativo), embora o rotulador sempre diga o mesmo sobre o crítico – que utiliza racionalmente determinados conceitos que são definidos e demonstrados –, a questão é que o retórico ou não entende ou faz de conta que não entende, o que faz explicar que uma coisa é simplesmente dizer “sua abordagem é positivista” e outra é afirmar isto e explicitar o que significa positivismo e onde ele se encontra em tal discurso. Caso faça isso, a solução é explicitar novamente, o que se torna repetitivo em caso de muitas réplicas, mas acaba sendo necessário, pois torna-se educativo para os demais, apesar de ser entediante para o debatedor que é constrangido a fazer isso. Uma outra forma, complementar, é usar o adjetivo pejorativo contra o retórico, só que com fundamentação. Por exemplo, se o retórico diz: “você é autoritário”, mas simplesmente não diz o que significa tal termo, onde ele se encontra no seu discurso e não desmonta o discurso independente de ser ou não autoritário, é possível mostrar que o discurso do retórico é que é autoritário, pois, ao não debater o conteúdo em questão e apenas usar um adjetivo sem fundamentação, o que ele faz é através de um rótulo querer silenciar o outro, o que expressa autoritarismo.

No caso do artifício do argumento de autoridade, quando ocorre que o retórico se autoproclama autoridade, a forma de refutação inicial é mostrar que isso é argumento de autoridade e não é válido. Se tal argumento se baseia em “experiência”, o mesmo procedimento deve ser feito e, caso o não-retórico também tenha experiência na área, então pode destruir totalmente o discurso retórico demonstrando isso. Se o retórico diz: “eu estudo psicanálise a 15 anos”, o debatedor que tem mais experiência pode não só dizer que isso não é argumento, ainda pode rebater dizendo sua experiência (“pois eu estudo psicanálise a 22 anos...”). Outros apelam para currículo, tal como ser consultor em lugares determinados, etc. Além de rebater dizendo que currículo não é argumento e se fosse bastaria consultar o “*Currículo Lattes*” e não precisaria haver debate. Além disso, o currículo ou experiência, se fosse prova de competência real, não precisaria ser utilizado, pois se a tivesse poderia provar através de argumentação e informações. Obviamente que nem todas as vezes que um indivíduo coloca sua experiência, currículo, publicações, etc. é argumento de autoridade, pois pode ser apenas informativo ou comparativo. Um exemplo pode esclarecer isso. Se alguém usa o artifício do argumento de autoridade, dizendo que o seu debatedor não entende nada do pensamento de Ernst Bloch e ele, por ter feito uma tese de doutorado sobre este autor, tem autoridade para falar dele, usa um artifício retórico. O debatedor pode retrucar dizendo que também é leitor de Bloch e que está baseando suas informações em textos deste autor e que está

fundamentando suas afirmações e não em suposta “autoridade” sobre o assunto e que é preciso que o retórico mostre, de forma fundamentada, quais são os seus equívocos interpretativos. Outra possibilidade, complementar, é esclarecer que também pesquisa o autor e tem saber sobre sua obra, o que lhe coloca como equivalente à suposta “autoridade”. Aqui funciona é um procedimento semelhante ao argumento de autoridade, mas é usado como informação e antirretórica em relação ao argumento de autoridade.

O antirretórica em relação ao artifício da substituição é, num primeiro momento, recordar qual é o assunto em questão e repetir isso quantas vezes o retórico tentar mudar de assunto ou outra forma de substituição (por exemplo, num debate sobre Marx, o retórico usa citação de Engels, então é preciso recordar que o pensador que está sendo debatido não é esse). Isso pode ser feito de várias formas, inclusive, às vezes da forma mais simples, sem acrescentar nenhum argumento ou discussão, apenas cobrar o retorno ao assunto original. A substituição pode ser novamente realizada pelo retórico a partir de algum elemento da fundamentação oferecida pelo seu crítico e o mesmo procedimento de recordação deve ser realizado nesse caso.

No caso do artifício da simplificação, o antirretórico pode começar, tal como nos demais casos, explicitando que se trata de retórica e, após isto, retomar a linha argumentativa em toda a sua complexidade. Isso pode gerar, por parte do retórico, uma nova simplificação (em algum elemento derivado), que, por sua vez, deve ser novamente rebatido com a linha argumentativa em sua complexidade.

O artifício da depreciação é o mais ofensivo e medíocre dentre os artifícios do discurso retórico. A sua mediocridade se revela na falta de argumentos já de início, na qual ao invés de debater ideias ataca pessoas. Por isso, o primeiro passo para derrotá-lo é explicitar esse seu caráter. Depois disso, há a possibilidade de discutir as reais intenções do retórico ao colocar isso no nível pessoal ao invés de ficar no campo dos argumentos. Ou seja, se a depreciação é realizada a partir de suposições (meras suposições, que ficam no nível da superficialidade e não discussão fundamentada) a respeito de intenções e interesses, então é interessante perguntar sobre quais são as intenções e interesses por detrás de alguém que deprecia o outro partindo de suposições. A depreciação pode ser humorística, etc., e, tal como no caso acima citado, pode-se, excepcionalmente, usar um recurso retórico para funcionar como um procedimento antirretórico.

O artifício da repetição é o mais fraco e irritante. O seu desmonte funciona, geralmente, com a sua denúncia e questionamento. Ele é uma forma de antidebate e que um pouco de esclarecimento para os demais, já se desmonta, pois é muito fraco e, a não



ser que os destinatários acreditem em frases repetitivas e sem fundamentação, ele não convence ninguém, ou seja, ele só funciona com pessoas que não prestam atenção na discussão ou então que possuem uma consciência coisificada, no qual o escrito ou fala é um fetiche e o que vale é quem escreveu/falou por último.

Esses e outros procedimentos podem ser usados para desmontar o discurso retórico. Contudo, mesmo provando racionalmente e demonstrando que se trata de um discurso retórico, é possível que o autor desse discurso ainda saia “vencedor”. Essa vitória, no entanto, não ocorre ao nível discursivo e intelectual, mas sim no nível da persuasão, pois depende dos destinatários ou do público que houve ou lê o debate. Um público de pessoas acríticas, com baixa bagagem cultural, desatentas, etc. pode pensar que o retórico é quem tem razão e venceu o debate. Um público de partidários ou adeptos de determinada religião, partido, concepção política, etc. tende a concordar com o retórico e se é a maioria ou totalidade, sem dúvida considerará este último o vencedor. Na sociedade atual, infelizmente, os artifícios do discurso retórico são convincentes devido à formação intelectual precária da maioria da população, o que é interesse dos detentores do poder e dos retóricos. E isso, na contemporaneidade, é ainda mais grave, pois a hegemonia do paradigma subjetivista traz consigo o predomínio do irracionalismo, relativismo e outras ideologias que fazem o elogio da ignorância (Viana, 2019). Em uma sociedade na qual o aparato estatal, os governos, as instituições (inclusive as educacionais), os partidos políticos, os meios oligopolistas de comunicação, etc. promovem o subjetivismo e seus subprodutos derivados, a racionalidade perde espaço e o discurso retórico se torna mais eficaz e comum.

### **Considerações Finais**

Enfim, este é um breve texto sobre discurso retórico, cuja intenção foi apresentar de forma breve suas características, objetivos e mostrar como pode ser desmontado. Porém, o discurso retórico possui uma eficácia persuasiva e esta será maior quanto maior for o despreparo do público (por falta de informações, de senso crítico, de saberes mais aprofundados sobre determinados assuntos, sobre o próprio discurso retórico, etc.) ou quanto maior for a convergência de perspectivas entre ele e o retórico. Obviamente que, no primeiro caso, é apenas o esclarecimento que pode ajudar e por isso de nada ajuda à luta pela transformação social os obscurantismos, irracionalismos e anti-intelectualismos fortes em certos setores da sociedade. É fundamental aumentar a capacidade crítica, a disponibilidade de ferramentas intelectuais para o maior número possível de pessoas. Um

fascista fascinante pode deixar gente ignorante fascinada ou um progressista populista pode deixar o público deslumbrado.

A luta pela transformação social é uma luta cultural e pela elevação da consciência e da cultura em geral. No caso de concordância do público com o retórico, este pode ser bem-sucedido pelo fato de que os demais que assistem ou participam periféricamente do debate podem ter valores, sentimentos, concepções análogas e por isso concordam não apenas com os fins, mas também com os meios. Meios e fins desonestos se complementam. Obviamente que pode haver, na mente de indivíduos concretos, conflitos de valores, sentimentos, concepções, interesses, etc. e o debate, assim, pode contribuir para eles avançarem. Porém, isto depende mais das pessoas do que dos debatedores em si.

A consciência do discurso retórico e seu significado, bem como seus artifícios, é um momento da luta cultural pela libertação humana e quanto mais pessoas tiverem consciência de sua existência e procedimentos, menor tende a ser sua eficácia persuasiva. E isso é fundamental numa época em que os políticos profissionais, ideólogos e populistas usam e abusam do discurso retórico e que há um empobrecimento cultural geral. O presente artigo cumpriu a função de oferecer uma percepção introdutória desse fenômeno discursivo e abrir espaço para o desenvolvimento da consciência sobre o discurso retórico e, portanto, atingiu seu objetivo.

### Referências

BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Linguísticas*. São Paulo: Edusp, 1996.

BOURDIEU, Pierre. *As Regras da Arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LÊNIN, W. *O Esquerdismo, Doença Infantil do Comunismo*. São Paulo: Global, 1989.

MAO TSE-TUNG. *Sobre a Contradição*. In: MODERNO, J. R. C. (org.). *O Pensamento de Mao Tse-Tung*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1979.

RAMX, R. Em Defesa de Marx: Contra a Pseudocrítica e os Ataques Pessoais. *Revista Marxismo e Autogestão*, [S. l.], v. 10, n. 13, 2023. Disponível em: <https://redelp.net/index.php/rma/article/view/1346>. Acesso em: 30 dez. 2023.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Como Vencer um Debate sem Precisar ter Razão*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.

VIANA, Nildo. Discurso e Poder. In: *Linguagem, Discurso e Poder. Ensaios sobre Linguagem e Sociedade*. Pará de Minas: Virtualbooks, 2009.

VIANA, Nildo. Elementos para uma Teoria do Discurso. in: ALMEIDA, Flávio A.; NETO, Joachin M. A. (orgs.). *Língua, Literatura e Cultura sob a Perspectiva do Discurso*. São Paulo: ECD, 2024 (no prelo).

VIANA, Nildo. *Futebol, Religião e Política*. Disponível em: <http://informecritica.blogspot.com/> acessado em: 02/02/2011.

VIANA, Nildo. *Hegemonia Burguesa e Renovações Hegemônicas*. Curitiba: CRV, 2019.

VIANA, Nildo. *Mao Tsé-Tung: Dialética ou Estratégia do PCC*. In: *O Fim do Marxismo e Outros Ensaios*. São Paulo: Giz Editorial, 2007.

## RESUMO

O presente artigo aborda o discurso retórico como um gênero discursivo específico. A reflexão sobre o discurso retórico ocorre através de sua definição, apresentação dos seus artifícios discursivos, motivações, objetivos, bem como aponta alguns elementos para desmontar esse tipo de discurso. O discurso retórico visa ganhar o debate a qualquer custo, inclusive utilizando meios ilícitos. Na contemporaneidade, com a hegemonia do paradigma subjetivista e o fortalecimento de seus subprodutos, como o relativismo e irracionalismo, se torna ainda mais importante entender e criticar o discurso retórico e seus usos nos meios políticos, acadêmicos e virtuais.

**Palavras-chave:** Discurso Retórico; Artifícios Discursivos; Objetivos; Motivação, Retórica.

## ABSTRACT

This article addresses rhetorical speech as a specific discursive genre. Reflection on rhetorical discourse occurs through its definition, presentation of its discursive devices, motivations, objectives, as well as pointing out some elements to dismantle this type of discourse. Rhetorical discourse aims to win the debate at any cost, including using illicit means. In contemporary times, with the hegemony of the subjectivist paradigm and the strengthening of its by-products, such as relativism and irrationalism, it becomes even more important to understand and criticize rhetorical discourse and its uses in political, academic and virtual environments.

**Keywords:** Rhetorical Discourse; Discursive Artifices; Goals; Motivation, Rhetoric.